



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10341 - Resumo Expandido - Pôster - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT16 - Educação e Comunicação

CIBERFENÔMENOS VAGALUMES NAS REDES EDUCATIVAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Leonardo Conceição Gonçalves - UERJ/PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

CIBERFENÔMENOS VAGALUMES NAS REDES EDUCATIVAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Resumo

A pandemia da Covid-19 forçou países a adotarem medidas de distanciamento social. Em especial, nos chamou a atenção as redefinições ocorridas no campo artístico, principalmente o musical. Assim, este texto tem como objetivo investigar em que medida as lives musicais, cada vez mais comum entre os tantos ‘dentrofora’ das diversas redes educativas, estabeleceram relações de ‘aprenderensinar’ entre o ‘fazerespensar’ cotidiano. Em nossa pesquisa, bricolamos estudos com os cotidianos (CERTEAU, 2009; ALVES, 2008) e com a multirreferencialidade (ARDOINO, 1998; MACEDO, 2012) para nos inspirarmos nas criações das coisas miúdas, desviantes, muitas vezes compreendidas como irrelevantes. Dessa forma, acionamos como dispositivos de pesquisa as rodas de conversas em ambientes online para tecer criações cotidianas nas diversas redes educativas reinventadas pelos usos dos dispositivos digitais em rede. Por fim, em posse dos fragmentos das histórias e das invenções coproduzidas, apresentamos como os praticantes culturais dos cotidianos interagem com o mundo externo para além da porta da própria casa, cocriando processos de aprendizagens em redes como elementos para pensar o futuro.

Palavras-chave: Fenômenos da Cibercultura; Cotidianos; Redes Educativas.

NAS JANELAS, VAGALUMES

Enquanto se teletransmitiam imagens das ruas na noite de terça-feira, 24 de março do ano de 2020, o plantão jornalístico anunciava notícias do Saara, um dos principais centros populares do Rio de Janeiro, deserto. Não se passavam pessoas, ou passavam poucas. Sem boêmios vadiando pelos bares da cidade, os bairros seguiam esvaziados. Súbitos apagamentos! Entrava em vigor naquele dia o decreto municipal[1] que determinava o fechamento dos estabelecimentos comerciais, dentre outros, em decorrência da pandemia do novo Coronavírus, proclamada dias antes pela OMS[2].

No entrelaçamento das dimensões dos cotidianos, vimos intensificar os Fenômenos da Cibercultura, que de acordo com Castro e Santos (2020):

“[...] são as ações cotidianas criadas pelos praticantes culturais com os usos das tecnologias digitais em rede e são forjados pela materialidade da sua inteligência coletiva, da sua fluidez, reconfiguração, compartilhamento e interatividade, princípios

que estruturam a cultura contemporânea.” (p.292).

Apesar de presos no espaço físico domiciliar, voltamos a reencontrar amigos, conversar com familiares e frequentar shows musicais participar de manifestações políticas e manter a rotina de trabalho.

Com isso, nesse texto, que representa parte da pesquisa de doutorado que investiga a (re)invenção dos cotidianos em tempos de pandemia, procuramos articular as conversas em torno das ações dos praticantes que se demonstraram potencializadoras de aprendizagens em redes educativas, constituídas a partir de suas experiências pessoais, escolares e profissionais – suas janelas de vida, mediadas por redes de conhecimentos nos diversos *‘espaçostempos’* ciberculturais (SANTOS, 2015). Assim, pelos usos desviantes dos dispositivos digitais conectados em rede sobrevivemos à toda sorte de efeitos deletérios como vagalumes (DIDI-HUBERMAN, 2011).

VIRALIZANDO IMAGENS E SONS NOS COTIDIANOS

Por força da pandemia da Covid-19, os Fenômenos da Cibercultura no campo da política, educação, dentre outros, expuseram criações extraordinárias. Sem shows ou qualquer outro tipo de acontecimento artístico físico presencial, por exemplo, vimos emergir intensamente uma nova forma de vivenciar experiências culturais: as lives musicais.

Dados do Google Trends revelam a circulação dados referentes às lives musicais conforme avançavam as semanas do distanciamento social, demonstrando que, assim como o ano de 2020 demarcou o surgimento da Covid-19, igualmente popularizou as lives. Porém, dado o caráter do resumo expandido-pôster, o objetivo é buscar, mesmo que ainda de maneira exploratória, alguns acontecimentos proeminentes do fenômeno pesquisado. Assim sendo, a partir da live musical do bloco afro mais antigo do Brasil, o Ilê Ayê[3], demonstraremos algumas interações no contexto da cibercultura.

A live do Ilê Aiyê aconteceu no dia 12 de julho de 2020, na Senzala do Barro Preto[4], diretamente do Curuzu (em Salvador) para todo o mundo. A beleza do bloco afro chegou aos inúmeros praticantes conectados por intermédio do *YouTube*, convidando a todos para uma pulsação única em nome da alegria e união.

No chat[5] da transmissão ao vivo, instalou-se uma polêmica após os apresentadores da live tematizarem o assunto sobre atos de racismo no interior das escolas brasileiras. Entre uma canção e outra, foram compartilhadas ideias que sustentavam ser esse tipo de preconceito – o racismo – injetado em nossos pensamentos para, em seguida, vir ao mundo por meio das ações, imagens, textos ou fatos que vimos acontecer. No bate papo do chat percebe-se que ninguém é somente observador; somos, na maior parte dos casos, coautores, na medida em que nós nos autorizamos a partir da relação, sob a influência dos outros. A imagem demonstra uma cena educativa onde não se é agente, ou ator, ou autor, mas sim agentes-atores-autores (SANTOS, 2015).

Bastou algumas horas entre os praticantes da live musical para ampliarmos ideias sobre um tema específico: o racismo. Enquanto refletíamos sobre as rumos que nossas vidas trilhavam devido ao cenário conturbado provocado pela pandemia da Covid-19, organizávamos nossas ideias aproximando-nos de uma questão que julgávamos relevante. Assim, aprendemos e ensinamos a ler, a escrever, conversar, a formular pensamentos acerca do mundo, da forma como os praticantes se relacionam entre si, em suma, ao mesmo tempo que reproduzimos o que aprendemos com as outras gerações vamos criando, cotidianamente novos *espaçostempos* (FERRAÇO; SOARES; ALVES, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certamente, para além de uma pesquisa em perspectiva instrumental, objetivando unicamente o domínio das faculdades e saberes cientificamente consagrados, o atual período histórico solicita que haja empenho dos pesquisadores para deslocar os praticantes em direção a outros praticantes e assim, diante desse movimento, os processos de aprendizagem dialoguem com os saberes comuns, formulados nos cotidianos das tecnologias e, por fim, com vistas ao desenvolvimento do pensamento autônomo, reflexivo e crítico.

Talvez o resultado final de tantos engendramentos, oportunidades e prejuízos seja positivo, sobretudo duradouro. Caminho que parece sem retorno. Janelas tecnológicas que vieram para ficar... e devem estar sempre abertas!

REFERÊNCIAS

ALVES, N. Salto para o futuro: cotidianos, imagens e narrativas. **Rio de Janeiro: TV escola**, 2008.

ARDOINO, J. **Abordagem multireferencial (plural) das situações educativas e formativas**. Multireferencialidade nas ciências e na educação. São Carlos: EdUFSCar, p. 24-41, 1998.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2018.

DE CASTRO, L. H. M.; SANTOS, R. Ambiências formativas em tempo de novas educações: o que *aprendemos ensinamos* com a pandemia. In: **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro: 2020.

DIDI-HUBERMAN, G. **Sobrevivência dos Vaga-Lumes**. Belo Horizonte: UFMG, 2011

FERRAÇO, C. E; SOARES, M. C. S.; ALVES, N. **Bases práticoteóricas das pesquisas com os cotidianos** – Certeau em sua atualidade. Currículo sem fronteiras, Pelotas, RS, v. 16, n. 3, p. 455-467, 2016.

MACEDO, R. S. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2012

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE (OPAS). **Folha informativa - doença causada pelo novo Coronavírus: 2020**. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875 Acesso em: 22/06/2021

SANTOS, R. **Formação de formadores e educação superior na cibercultura: itinerâncias de grupos de pesquisa no Facebook**. Tese de Doutorado, 2015. Disponível em: http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2010_1-505-DO.pdf. Acesso em: 22/06/2021.

[1] Decreto Nº 48.285, que determinou o fechamento obrigatório de comércios e serviços não essenciais.

[2] A pandemia da Covid-19 (Coronavirus Disease 2019), causada pelo vírus SARS-CoV-2, ou novo Coronavírus, foi decretada em 11/03/2020 (OPAS, 2020).

[3] Em 1974, os fundadores do chamado Bloco afro Poder Negro foram obrigados a mudar o

nome do grupo por força de um ato de censura da ditadura militar, sendo acusados de intenções subversivas. Assim, escolheram como nome alternativo Bloco afro Ilê Aiyê.

[4] Diferente daquela onde nossos antepassados viveram, a Senzala do Barro Preto é um centro cultural que promove educação e cultura dos povos de matriz africana.

[5] A comunicação entre os praticantes culturais durante as lives musicais na Internet ocorre pelo chat, permitindo a troca de mensagens sobre um determinado assunto. No chat, ao contrário do e-mail, a comunicação ocorre de forma síncrona, ou seja, é realizada em tempo real. As conversas são normalmente anônimas porque os participantes utilizam alcunhas (nicknames) para se identificarem na sala